

Prefácio

O artigo que inicia o volume 40 da *Interações* aborda a experiência de jovens adultos na Nigéria na utilização da aplicação TikTok, durante o período de confinamento decretado naquele país, em contexto da pandemia de COVID 19. O objetivo principal da investigação de Udenze e Uzochukwu foi perceber em que medida a utilização do TikTok contribuiu para minimizar os efeitos negativos do isolamento resultantes do confinamento. Tendo como enquadramento teórico a Teoria dos Usos e Gratificações de Katz e Blumler, os autores fizeram um estudo qualitativo baseado em entrevistas a jovens adultos com idades compreendidas entre os 19 e 31 anos. A análise temática das entrevistas, suportada pela perspetiva das etapas de Braun e Clarke, permitiu-lhes concluir que a partilha de vídeos curtos da aplicação TikTok ajudou os jovens adultos a gerir os efeitos negativos do confinamento, tendo um impacto positivo no seu bem-estar. Os autores sugerem que a aplicação TikTok poderá ser utilizada por indivíduos e psicoterapeutas no tratamento de pacientes, em contexto de confinamento compulsório.

O artigo seguinte, da autoria de Delali Dovie, analisa as experiências vividas pela população idosa no Gana durante a pandemia de Covid 19 em quatro dimensões: social, cuidado infantil, autocuidado e humanitária. A autora entrevistou cinco homens e cinco mulheres, selecionados através de uma amostragem intencional. As conclusões do seu estudo mostram que os idosos entrevistados desenvolveram uma miríade de estratégias de resiliência e de adaptação ao ambiente de isolamento em contexto pandémico, assumindo novos papéis sociais e ampliando as suas atividades quotidianas. A autora destaca o fortalecimento dos laços estabelecidos entre os idosos e os seus netos, colmatando a lacuna de cuidado infantil que o encerramento das escolas trouxe e aliviando as mães que trabalham. Por outro lado, a socialização entre idosos e crianças, apesar de desenvolvida fora do ambiente da sala de aula, permitiu que as crianças continuassem academicamente focadas. Por fim, a autora enfatiza a necessidade de reflexão e estudo das dimensões sociais, psicológicas, do autocuidado e do cuidado infantil, em contexto de pandemia.

Julian Affonso de Faria e Cláudio Márcio Magalhães procuram estabelecer uma relação entre o tráfego legal e ilegal de dados obtidos a partir da vigilância do cidadão

e o fenômeno da desinformação, essencialmente centrado na difusão de notícias falsas que, atingindo uma escala elevada, ameaça os alicerces dos regimes democráticos. A questão de partida da sua investigação é a seguinte: em que medida o capitalismo de vigilância contribui para a economia política da desinformação? Segundo os autores, “o capitalismo de vigilância e a política da desinformação constituem uma das maiores preocupações da sociedade nos tempos atuais. O grande desafio é enfrentar tais fenômenos, seja com leis específicas, seja com políticas públicas, sem cercear o direito dos cidadãos à liberdade de pensamento e de opinião” (p. 76). Para os autores, a solução não passa pela implantação de ações de censura, mas sim pela aposta nas políticas de educação, de forma a dotar os cidadãos de um nível de sentido crítico que lhes possibilite diferenciar o verdadeiro do manipulado.

No artigo “Arielismo versus cosmopolitismo: a reação brasileira ao 11/09/01 como narrativa cultural e trabalho de identidade”, Laura Robinson analisa o trabalho de identidade através do discurso brasileiro face aos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, utilizando uma perspectiva construtivista social. Ao examinar a forma como as normas culturais offline dos participantes de fóruns de discussão digital são transformadas através da interação online, a autora centra-se num dos temas centrais dos estudos globais sobre os média, cultura e identidade. A sua investigação, desenvolvida a partir dos dados retirados dos fóruns de discussão digital organizado pelo Jornal *O Estado de São Paulo*, aponta para a existência de duas atitudes dominantes, que a autora identifica como arielista e cosmopolista, completadas por uma terceira, circunscrita a um pequeno grupo de expatriados brasileiros autoproclamado como americanófilo. A autora conclui que as diferentes posturas em reação aos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 continuam atuais, refletindo o abismo entre esquerda e direita no Brasil e nos Estados Unidos.

Reuben Connolly Ross parte de uma discussão inicial sobre o Centro Comercial Amoreiras para, de forma bastante original, explorar criticamente as mudanças mais recentes na paisagem urbana e arquitetónica de Lisboa. Para o autor, as Amoreiras são um símbolo das aspirações consumistas do Portugal no período pós-revolucionário e da ascensão das políticas neoliberais que, a nível global, foram invadindo os regimes capitalistas, agudizando as suas desigualdades e contradições. Como Reuben Connolly Ross destaca as “suas torres refletem as mudanças económicas e turbulências políticas que ajudaram a produzir formas urbanas radicalmente novas; seu tamanho imponente resume os efeitos devastadores do desenvolvimento espacial desigual; seus designs kitsch incorporam uma visão caleidoscópica de um futuro incerto”

(p.114). As Amoreiras, conclui o autor, ao marcarem o aparecimento das tendências pós-modernas em Portugal, servem como ponto de partida para uma reflexão sobre os rumos que o Portugal moderno está a tomar.

O artigo de Camila Costa Feijó examina o paralelo entre as revistas femininas no Brasil e as comunidades virtuais no Brasil. À medida que as antigas revistas femininas iam perdendo assinantes e leitores, foram surgindo comunidades virtuais constituídas por mulheres como espaços de troca de informação e de conselhos. A autora utilizou uma pesquisa qualitativa combinando uma revisão bibliográfica com a análise de informação retirada de dois grupos do Facebook (Fashionismo e Modices). O seu estudo mostra que as mulheres utilizam agora novos discursos e novas formas de identificação que vão para além dos conteúdos das antigas revistas femininas. Por outro lado, e mais importante ainda, agora as mulheres não se limitam apenas a serem consumidoras de conteúdos, mas são também produtoras, o que contribui para o seu empoderamento. Curiosamente, as novas formas de representação das mulheres, resultantes da sua participação nos espaços digitais, não anularam as revistas femininas, já que continuam a existir várias publicações digitais, embora se observe uma mudança no discurso utilizado.

No ensaio que encerra o volume, Deepak Gupta destaca duas dimensões no programa de vacinação de COVID 19, designadamente, a garantia do acesso equitativo e o desenvolvimento de estratégias de marketing que incentivem mudanças de comportamento positivas por parte dos cidadãos, já que a disseminação de desinformação está a ganhar popularidade, especialmente nos média e nos espaços digitais. Apoiado pelas informações recolhidas através de uma entrevista realizada a um informante-chave, ex-especialista da Organização Mundial de Saúde, Deepak Gupta defende que só através das políticas públicas será possível alcançar um equilíbrio entre sustentabilidade ambiental, desenvolvimento económico e indicadores positivos a nível sanitário. Assim, conclui, não será a lógica política, mas sim científica que deverá conduzir as principais decisões a serem tomadas em questões de saúde pública. Segundo as suas palavras: “é, portanto, hora de testemunhar mais da ciência na política do que da política na ciência” (p. 138).

Inês Amaral
Maria João Barata
Vasco Almeida